

Reflexões sobre as memórias da EPT: apontamentos teóricos-metodológicos e panorama das pesquisas desenvolvidas no ProfEPT (2019-2021)

Thiago de Faria e Silva¹
Xênia de Castro Barbosa²

1. Introdução

Ao longo de sua história, a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) se consolidou tanto como um campo educacional importante para a educação brasileira quanto como um campo de pesquisas instigante. Nesse cenário, a participação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) tem sido marcante em diversas frentes, sobretudo no início do século XXI, com a oferta crescente de diversos cursos, por meio de uma expansão expressiva da rede, alcançando grande capilaridade geográfica, aumento do número de cursos oferecidos e um conjunto de ótimos resultados em várias experiências exitosas de ensino, pesquisa e extensão por todo o país.

Nesse contexto, a Rede Federal tem participado também das reflexões sobre a EPT como campo de pesquisa, contribuindo com o balanço contínuo sobre os seus desafios e potencialidades. O Mestrado Profissional em Educação Profissional em Rede Nacional (ProfEPT) é um desses locais de reflexão sobre a EPT, reunindo

¹Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Instituto Federal de Brasília (IFB), Campus Recanto das Emas e do Programa de Mestrado em Rede Nacional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). E-mail: thiago.faria@ifb.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7205-0021>

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Docente do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), Campus Porto Velho Calama e do Programa de Mestrado em Rede Nacional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). E-mail: xenia.castro@ifro.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8082-6974>

instituições associadas de todos os estados do país, preocupadas em pensar sobre a educação profissional, em estreito vínculo com a experiência prática, pois docentes e muitos estudantes atuam em seu dia a dia na EPT em diferentes locais, instituições, funções e modalidades.

Uma das linhas de pesquisa do mestrado ProfEPT é dedicada a pensar a “Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)”. Entre suas abordagens, a linha propõe uma incursão dos pesquisadores pelos caminhos teóricos e metodológicos das memórias da EPT, o que nos permite relacioná-la a todo um conjunto de reflexões teórico-metodológicas consagradas no campo da História: a relação entre memória e história (LE GOFF, 2000; RICOEUR, 2007), a relação entre documento e monumento (LE GOFF, 2013), os lugares de memória (NORA, 1993), as práticas cotidianas (CERTEAU, 1998), a emergência de novos sujeitos nas pesquisas, as novas abordagens, as novas linguagens (fotografia, as artes, o audiovisual etc.) e a contínua diversificação de caminhos metodológicos para a escrita da história. Em interface com a EPT, essas questões podem proporcionar um ângulo de análise instigante para pensarmos as memórias da EPT e os caminhos metodológicos adotados para pesquisá-las.

O capítulo está estruturado em três tópicos. No primeiro, apresenta-se as potencialidades do conceito de cultura escolar para as pesquisas qualitativas no campo das memórias da EPT. No segundo, desenvolve-se uma reflexão sobre a pesquisa qualitativa em tempos de uso ostensivo de formulários e aceleração dos prazos de conclusão nas pós-graduações. Por fim, propõe-se um balanço (ainda inicial) das dissertações do ProfEPT que tratam das memórias da EPT.

Sem dúvida, diferentes respostas teóricas e metodológicas no campo da EPT já têm sido praticadas, seja por pesquisadores do campo externos ao programa, seja por docentes e estudantes do próprio programa, em artigos, participações em eventos, orientações, produtos educacionais e dissertações. Desse modo, este capítulo³ tem como objetivo debater algumas questões teórico-metodológicas

³ Este é um esforço inicial de reflexão sobre as bases metodológicas para pesquisa das memórias da EPT resultante de uma articulação dos docentes de História do ProfEPT ligados à linha de pesquisa Organização e Memórias dos Espaços Pedagógicos da EPT. O objetivo do trabalho é prosseguir com um balanço permanente sobre as dissertações e produtos educacionais que abordem as memórias da EPT.

básicas acerca das memórias da EPT e ser propositivo em relação às potencialidades das metodologias qualitativas, oriundas das pesquisas no campo da História e das Ciências Humanas. Para isso, partimos de uma questão inicial: como as memórias da EPT podem ser pesquisadas e quais metodologias podem potencializar e ampliar a escrita da história da EPT?

Este exercício pode ser valioso tanto para a atuação dos servidores nas instituições da rede federal em atividades de ensino, pesquisa e extensão, quanto para o repensar da própria instituição, ao criar um espaço de constante autorreflexão sobre suas práticas, identidades, propósitos e realizações. Ao se defender a EPT como uma educação unitária, tendo o trabalho como princípio educativo, em uma formação omnilateral, na esteira das contribuições de Frigotto (2009), Ciavatta (2014), Pacheco (2015), Saviani (1989), é importante aprofundar as pesquisas sobre o como construir uma EPT amparada nessas bases e como pesquisar práticas educativas e experiências enriquecedoras pautadas nesses princípios, voltados para uma formação ampla do ser humano e não uma mera formação instrumental para o mercado de trabalho, forjada na dualidade histórica entre educação profissional para as classes populares e ensino superior para as elites.

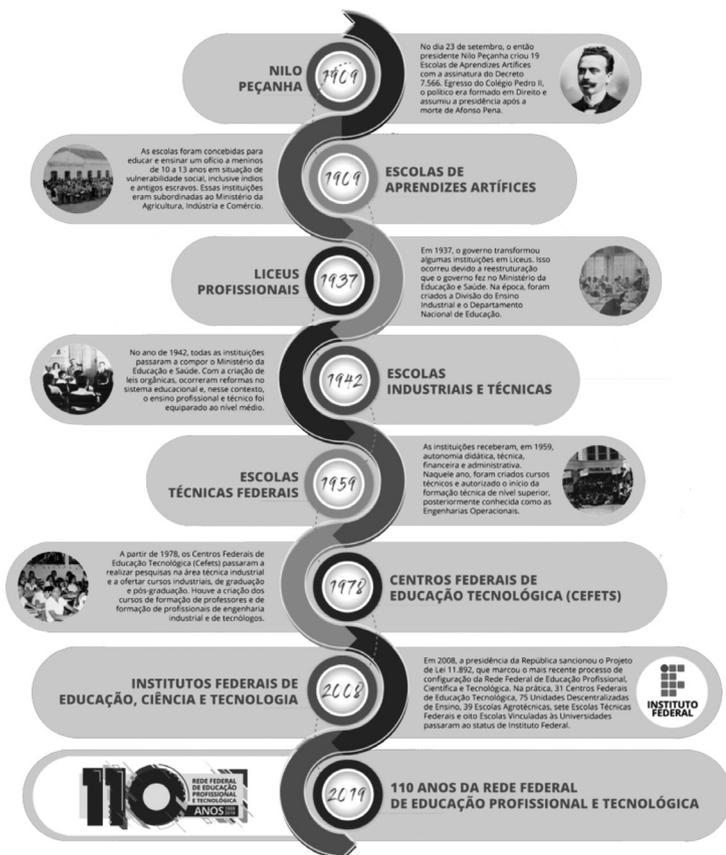
2. As memórias da EPT: repensar e ampliar um caminho hegemônico

No âmbito da RFEPCT, a trajetória dessa centenária rede pública de ensino profissional, criada em 1909, tem sido construída a partir de diferentes lugares de memória (NORA, 1993), tais como seu marco fundador mais frequente (o Decreto nº 7.566 de 1909, que criou as 19 Escolas de Aprendizes Artífices), as comemorações e efemérides (como os 100 anos da rede federal em 2009 ou os 110 anos em 2019), publicações nos portais das instituições da rede, informativos, intervenções no espaço público, ações de extensão, publicações de pesquisadores de dentro e fora da rede federal. Um dos exemplos pode ser visto nesse material produzido e divulgado pelo CONIF para os 110 anos da Rede Federal:

Em 23 de setembro de 2019, a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica celebra 110 anos de uma trajetória marcada pela evolução e pelo atendimento das necessidades contemporâneas. Esse percurso começou em 1909 com a criação das primeiras Escolas de Aprendizes Artífices, uma em cada unidade da federação constituída à época. De lá

para cá, ocorreram diversas etapas de reordenamento e, hoje, são 647 escolas em 651 municípios, mais de um milhão de matrículas e cerca de 80 mil servidores (professores e técnico-administrativos).⁴

Figura 1 – Infográfico dos principais eventos na linha do tempo da Rede Federal de EPCT



⁴Site 110 anos da Rede Federal. <https://110anos.redefederal.org.br/#historico>
Acesso: 4/4/22.

Todas essas construções de sentido produzem lugares de memória sobre a rede federal e criam uma tessitura de sentidos sobre essa trajetória. Essa trama de fatos e memórias que sustenta a História da EPT se repete com frequência em documentos oficiais, textos de divulgação e trabalhos acadêmicos. Todas elas se unificam em torno do fato de estarem construindo sentidos, criando lugares de memórias e consolidando uma explicação sobre o passado da EPT, que se materializa na memória coletiva.

Um dos papéis decisivos dos historiadores e historiadoras é, antes de tudo, refletir e repensar como estão sendo construídas as histórias, questionando as bases teórico-metodológicas, com os sentidos atentos aos limites das abordagens que, neste caso específico, colaboram direta ou indiretamente para a construção de uma história da EPT. O convite realizado neste capítulo é a realização de um exercício reflexivo e provocativo, tal como proposto por Walter Benjamin, ao nos convidar a compreender a história a contrapelo (BENJAMIN, 1987), buscando um questionamento daquilo que foi deixado de lado, buscando aquilo que está silenciado ou não foi contemplado na história hegemônica.

Um primeiro olhar sobre um caminho metodológico hegemônico aponta para uma forte ênfase da construção dessa história da EPT a partir das fontes normativas e legais em diferentes trabalhos, desde documentos oficiais (PPCs e materiais de divulgação) até trabalhos acadêmicos de estudantes e pesquisadores. A grande difusão desse caminho metodológico entre os pesquisadores do campo da EPT termina por gerar uma trajetória hegemônica centrada nas normas de estruturação da EPT e especificamente da rede federal de EPCT, cujo eixo de análise é formado pelas normas e sua interpretação crítica, mesclada ao contexto político e social do país. Luís Cláudio Gonçalves Gomes faz uma crítica fundamental nessa direção em seu estudo sobre a Escola de Aprendizes Artífices de Campos dos Goytacazes:

Raros são os estudos que se dedicam às escolas de aprendizes artífices. Quando muito, os estudos avançam no sentido de desvendar a história da educação técnica por meio de dados empíricos. Observa-se que nesse campo do conhecimento permanece uma lacuna que precisa ser reduzida. É notória a escassez de estudos sistemáticos sobre essa importante temática. Apenas mais recentemente alguns poucos educadores, como Luiz Antonio Cunha, tem trabalhado crítica e extensamente sobre o assunto e há meio século, Celso Suckow da Fonseca publicou sua obra clássica, intitulada História do Ensino Industrial no Brasil. Isso certamente leva a concluir que a história particular

de cada uma daquelas 19 escolas de aprendizes artífices não tenha sido devidamente escrita e, no caso particular da Escola de Campos dos Goytacazes, absolutamente nenhum material sistematizado, de modo a contribuir com a sua história educacional, foi produzido (GOMES, 2006. p. 27).

Desse modo, cria-se uma narrativa histórica hegemônica muito generalizante e superficial. Cita-se as escolas de aprendizes artífices, a criação dos CEFETs ou dos Institutos Federais (IFs) em cada nova fase e momento histórico, mas em um panorama excessivamente generalizante dentro da evolução normativa e do contexto político nacional, o que termina por elidir e silenciar as experiências, os sujeitos, as práticas e os conflitos cotidianos na história da EPT. Não se trata de negar a importância das normas legais como fonte para a História, a importância das análises macroestruturais e todos os méritos desses trabalhos de grande qualidade, mas repensar o seu lugar absoluto como caminho hegemônico no campo de pesquisas sobre as memórias da EPT, no sentido de ampliar e enriquecer outras possibilidades e caminhos, inserindo novos pontos de vista para o diálogo.

Parte-se da hipótese de que esse traço hegemônico (a ênfase nas normas legais) nas memórias da EPT não é algo isolado, mas se insere em uma questão maior ligada às inquietações sobre a escrita da história da educação, apontadas pelo menos desde a década de 1990 por Dominique Julia e outros pesquisadores ligados à cultura escolar como campo de investigação para a história da educação (JULIA, 2001; FRAGO, 2007; CHERVEL, 1990).

Dominique Julia, na década de 1990 do século passado, ao refletir sobre algumas inquietações sobre a História da Educação a partir do olhar da cultura escolar como objeto histórico, destacou o grande relevo dos textos normativos nas pesquisas, o que acabava por gerar a ideia de “uma escola todo-poderosa, onde nada separa as intenções dos resultados” (JULIA, 2001, p. 12). Diante dessa questão, quais as consequências teóricas e metodológicas ao se erigir a norma legal como fonte privilegiada de construção de sentidos sobre a história da EPT? Ao realizar essa operação, o que estamos valorizando? O que estamos elidindo?

3. Culturas escolares como campo de investigação: potencialidades de renovação

As discussões sobre a cultura escolar como objeto de investigação para a história da educação tem encontrado uma

expressão cada vez maior entre os pesquisadores brasileiros (VIDAL et al., 2004) e procura abrir um campo de investigação para pensar a instituição escolar no tempo e espaço a partir de:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

Essas relações conflituosas entre normas e práticas, apontadas por Julia, abrem um espaço complexo de questões. Entre intenções e resultados, surge a cultura escolar no plural, como propõe Viñao Frago, formando um terreno de sedimentos sobrepostos que demandam um trabalho arqueológico de separação, identificação e análise das culturas escolares:

A cultura escolar seria, em síntese, algo que permanece e dura; algo que as sucessivas reformas só arranham ao de leve, que a elas sobrevive, e que constitui um sedimento formado ao longo do tempo. Um sedimento configurado, isso sim, por capas mais mescladas do que sobrepostas que, em jeito arqueológico, é possível desenterrar e separar. É nesse sentido que caberia dizer que a tarefa do historiador é fazer a arqueologia da escola (VIÑAO FRAGO, 2007, p. 87).

A escola, nessa perspectiva, está em constante relação com a sociedade à sua volta, recebendo normas e práticas das culturas com as quais lida no dia a dia e criando outras em seu interior, que terminam por ultrapassar os seus muros. Para entender essa escola que respira junto ao seu entorno, Reginaldo Plácido, Shyrlei Benkendorf e Denise Todorov (docente e mestrandas do ProfEPT) propõem também as noções de permeabilidade e porosidade, que nos auxiliam a pensar essas relações conflituosas das culturas escolares em constante contato com a sociedade a sua volta:

Entende-se a porosidade aqui como ilustração a partir de seu sentido geológico, como os espaços em si, os orifícios existentes e que se formam e que servem de lugar onde podem alojar-se substâncias de qualquer natureza, semelhantes ou não, que podem fundir-se ou excluírem-se. Enquanto a permeabilidade é a capacidade de um corpo ou estrutura permitir a passagem de uma determinada substância, originando fluxo. [...] compreender a porosidade como os espaços que existem ou que se formam na relação entre a instituição escolar e a sociedade que está

envolvida, enquanto a permeabilidade pode ser compreendida como a circulação de ideias nestes espaços e que geram fluxos de diálogo (PLÁCIDO, BENKENDORF, TODOROV, 2021, p. 192).

Esse terreno de investigação abre uma possibilidade de abordagem das memórias da EPT capaz de englobar as normas legais, mas em um campo de conflitos e práticas mais amplo, no qual há inúmeras ações de reforço ou resistência em relação ao arcabouço normativo. O desafio de pesquisar esse conjunto de tensões é enorme. Como corpo de fontes, as normas formam um conjunto seguro, coeso e organizado, cristalizado na escrita, ao prescrever condutas e direcionar práticas. No entanto, como se abrir para pesquisar as práticas conflituosas instaladas no cotidiano da EPT, vividas dentro e fora da sala de aula em respostas sutis e silenciosas ao que é prescrito pela norma? Como identificar as diferentes práticas de resistência ou aceitação dos diversos grupos e identidades culturais presentes nas instituições da EPT, entre servidores, estudantes das diferentes modalidades e toda a comunidade escolar?

Desde a Escola dos Annales, fundada nos anos 1930 e seguida de suas diferentes gerações, os historiadores ampliaram e diversificaram as possibilidades de fontes para a pesquisa em história. Se até o século XIX, o documento escrito era dotado de uma aparente objetividade, tão bem criticada por Jacques Le Goff nos clássicos textos reunidos no livro “História & Memória” (2013), hoje temos a possibilidade de buscar fontes históricas nos mais diferentes registros e linguagens. Levar essa abertura para a história da EPT significa encorajar os pesquisadores a buscar fontes inovadoras e pouco usuais para construírem suas pesquisas. Na perspectiva de Benjamin, entre o papel do colecionador e do alegorista, um caminho poderia ser pesquisar entre aqueles vestígios esquecidos, nunca lembrados e não considerados dignos de se constituir em fontes para a História:

Talvez o motivo mais recôndito do colecionador possa ser circunscrito da seguinte forma: ele empreende a luta contra a dispersão. O grande colecionador é tocado bem na origem pela confusão, pela dispersão em que se encontram as coisas no mundo. [...] O alegorista é por assim dizer o polo oposto ao colecionador. Ele desistiu de elucidar as coisas através da pesquisa do que lhes é afim e do que lhes é próprio. Ele as desliga de seu contexto e desde o princípio confia na sua meditação para elucidar seu significado. O colecionador, ao contrário, reúne as coisas que são afins; consegue, deste modo, informar a respeito

das coisas através de suas afinidades ou de sua sucessão no tempo. No entanto – e isto é mais importante de todas as diferenças que possa haver entre eles –, em cada colecionador esconde-se um alegorista e em cada alegorista, um colecionador (BENJAMIN, 2009, p. 245).

Como colecionador, trata-se de reunir agrupamentos significativos de fontes, constituindo acervos, buscando nadar contra a corrente presentista do esquecimento e preservar registros de práticas em nossas instituições escolares, normalmente pouco preocupadas com a preservação dos registros das experiências e muito negligentes com a constituição de acervos e arquivos próprios sobre o cotidiano escolar. Como alegorista, caberia analisar e dar sentido a esse material reunido, fazendo-o dialogar com o diverso, em outros contextos, confrontando-o com as fontes hegemônicas para fazer emergir sentidos muitas vezes desconhecidos ou silenciados.

Em um esforço propositivo, mas não restritivo, pode-se destacar a possibilidade de reconhecer fontes para pesquisar as relações conflituosas das culturas escolares, tensionadas entre as práticas e as normas, nos mais diferentes âmbitos.

Nas linguagens, pode-se fazer o esforço de buscar fontes não apenas escritas (normas, leis, resoluções, livros, provas etc.), mas em fotografias, músicas, oralidades (sotaques, expressões, falas cotidianas), rádio, podcasts, vídeos, artes plásticas, danças, performances, práticas esportivas e toda e qualquer linguagem de comunicação que expresse algo, seja aceitação ou repulsa, seja algo prescrito, aceito ou até mesmo algo não prescrito (aprendizagens informais) ou as não aceitas pela norma (atos de indisciplina), dentro ou fora da sala de aula. Todas as formas de expressão de toda a comunidade escolar interessam ao estudo das culturas escolares e podem contribuir para enriquecer a história da EPT.

Em relação aos sujeitos, pode-se buscar fontes de pesquisas nas produções dos mais diferentes grupos constituintes das culturas escolares. Entre os estudantes dos mais diferentes cursos, do Ensino Médio Integrado, EJA até a pós-graduação. Também entre os servidores e a comunidade escolar. E, sobretudo, abrindo-se para reconhecer as infinitas identidades presentes dentro de cada instituição, compondo um universo infinitamente diverso de culturas escolares sedimentadas em relações conflituosas que podem ser vistas de diferentes ângulos, dependendo de qual referencial identitário se adota. Por exemplo, a trajetória em um mesmo curso, em um mesmo campus e mesma turma, com os mesmos

professores e o mesmo regime de normas, pode ser uma experiência completamente diferente para um estudante indígena, para um estudante quilombola ou para estudantes de gêneros diferentes. A abordagem das culturas escolares pode nos impulsionar a construir um objeto de pesquisa que se abra para pesquisar as memórias da EPT, sem esquecer das normas em um nível macroestrutural, mas abrindo espaço para compreender essas normas inseridas em um cotidiano de enorme diversidade de vidas e tensões inscritas nas práticas do dia a dia, dentro e fora da sala de aula.

Dentre as críticas possíveis a essa abordagem amparada nas culturas escolares, certamente está a de um possível enfraquecimento da abrangência da análise, ao se construir um objeto de pesquisa muito micro, o que poderia resultar em uma fragmentação excessiva em diferentes identidades. Esta crítica, no campo da História, ficou marcada pela expressão história em migalhas de François Dosse (1994). No caso das culturas escolares da EPT, essa fragmentação de pesquisa em diferentes microuniversos identitários tende a equilibrar o excessivo peso em uma abordagem macro, ainda predominante, calcada em uma constante análise da evolução das normas, das políticas públicas e suas interações com o universo político-econômico do país ao longo de sua história. Nesse sentido, a incorporação de novas linguagens, novos sujeitos, novas fontes e novas abordagens nas pesquisas das memórias da EPT pode resultar em um ganho complementar e uma bem-vinda ampliação dos desafios e conflitos já identificados pelas abordagens macroestruturais hegemônicas nas bibliografias da EPT, nos históricos institucionais oficiais e demais textos que propõem um percurso histórico na EPT.

Destacamos, ainda, a título de exemplo e proposição, duas metodologias com grande potencialidade para a pesquisa qualitativa sobre as memórias da EPT, embora existam inúmeras outras possibilidades: a História Oral e a Etnografia. Como elemento comum, as duas metodologias direcionam grande atenção à alteridade. Em ambas, o pesquisador se engaja em um processo de abertura à experiência do outro, seja no processo de escuta sensível da narrativa oral sobre as experiências vividas, seja na observação atenta das experiências no cotidiano.

As duas metodologias também possuem dificuldades comuns, pois demandam grande esforço dos pesquisadores. Na História Oral, a realização das entrevistas deve ser precedida de um processo de preparação prévia e está longe de ser apenas o ligar de um gravador para ouvir espontaneamente o outro. Sem

pretender retomar aqui as bases essenciais da História Oral presente em diferentes abordagens e manuais⁵, cabe destacar um aspecto lembrado por Alessandro Portelli sobre o método:

Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos (PORTELLI, 1997, p. 31).

Essa valorização da subjetividade não significa, entretanto, uma restrição ao universo particular, uma vez que essas subjetividades se tornam representativas de grupos e fenômenos sociais mais amplos.

Na Etnografia, a observação em campo também deve ser precedida de uma preparação prévia, deve contar com registros de pesquisa criteriosos enquanto é realizada e de uma análise cuidadosa da pesquisa de campo. Cláudia Fonseca (1999), no artigo “Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação”, discute diversas questões envolvendo a etnografia e a educação e chama a atenção para os resultados que vão além da intersubjetividade entre pesquisador/pesquisado:

É praxe, nas discussões sobre o método etnográfico, dar ênfase à experiência do pesquisador no campo. Discorre-se longamente sobre a relação pesquisador-pesquisado ou o “anthropological blues” dessa etapa da pesquisa e sublinha-se a importância do insubstituível diário de campo. Trata-se de elementos fundamentais do método. No entanto, a análise antropológica não se limita a esta dimensão intersubjetiva da pesquisa. Através desse método, em geral tecem-se conclusões também quanto aos “nativos”: seu modo de vida, suas formas de organização social, seus valores familiares, suas crenças religiosas, atitudes políticas etc. Entre a experiência de campo e estas conclusões,

⁴Para conhecer alguns caminhos metodológicos para a História Oral, consultar: THOMPSON (1992), COSTA (2014), PORTELLI (1997a, 1997b), ALBERTI (2005), MEIHY (1998). Essa edição do periódico reúne diversos textos de excelente qualidade sobre a temática: Revista Projeto História, PUC/SP, n. 15, abril de 1997.

há uma série de etapas que são descritas pouco ou *pas du tout* nas discussões metodológicas (FONSECA, 1999, p. 66).

Sem dúvida, esses dois métodos, pautados na subjetividade e na alteridade, trazem mais dúvidas e questões para as histórias da EPT e certamente demandarão um maior esforço por parte dos pesquisadores que se aventurarem a utilizá-los. É importante não encará-los como fórmulas mágicas, mas vivenciar os dilemas proporcionados pelo método.

De forma inicial, até o momento, nosso levantamento dos trabalhos do mestrado do ProfEPT tem demonstrado esse enriquecimento dos estudos das memórias da EPT a partir de objetos de pesquisa mais focados em contextos locais, sujeitos pouco lembrados em suas especificidades e novas linguagens como fontes de pesquisa sobre a EPT.

Uma vez confirmada essa hipótese, mesmo a possível crítica ao enfoque micro pode ser atenuada pela ideia de que compreender as culturas escolares e as memórias da EPT demanda um longo e coletivo trabalho de arqueologia de todos os seus sedimentos. Desse modo, uma visão mais ampla só será possível após um conjunto de pesquisas que se somam e dialogam entre si, compondo um esforço coletivo e colaborativo de compreensão de um conjunto de culturas escolares em um determinado campus, um instituto específico, um estado, um país e até mesmo a identificação de práticas culturais comuns às culturas escolares em uma escala global.

4. A pesquisa qualitativa em tempos de formulários e aceleração de prazos

A abordagem das memórias da EPT a partir das culturas escolares encontra, ainda, alguns obstáculos de ordem operacional e cultural que dizem respeito ao modo como a produção acadêmica tem estabelecido seus parâmetros de avaliação de qualidade e prazos de execução. A pesquisa qualitativa demanda em muitos casos muito tempo para a sua execução, uma vez que os tempos da subjetividade pouco coincidem com os tempos do capital e de suas pressões sociais e culturais por produtividade. Soma-se a isso o incremento dos algoritmos, o *big data* e a vivência cada vez mais imersa na cibercultura (LEVY, 1999). Criamos, desse modo, um ambiente de dificuldades para a pesquisa qualitativa, pois torna-se cada vez mais difícil reconhecer e respeitar os tempos dos seres humanos em sua omnilateralidade.

Todo esse contexto, associado aos prazos cada vez mais curtos para conclusão dos trabalhos, tem nos colocado um dilema entre a necessidade pragmática de concluir as pesquisas dentro dos prazos estabelecidos pelas normas e o respeito ao tempo próprio exigido por uma pesquisa qualitativa. Trata-se não só da questão ética com os sujeitos participantes, mas também do respeito com os propósitos e tempos necessários para uma execução coerente com os objetivos esperados e com resultados consistentes sobre o problema investigado.

Esse dilema parece estar sendo sanado cada vez mais com uso de ferramentas digitais de inegável praticidade, como o Google Formulário. Um esforço de mapeamento empírico de seu vasto uso seria desnecessário, uma vez que quase todas as pesquisas em andamento se utilizam do Google Formulário para coleta de dados parcial ou até total da pesquisa.

Dentre os aspectos a serem analisados sobre esse cenário, um primeiro ponto se deve ao seu caráter limitado como ferramenta de pesquisa. Há uma desconexão inerente entre o pesquisador e o sujeito que responde ao formulário. A depender do público-alvo da pesquisa, esse vínculo pode ser maior ou menor, mas em qualquer caso, o sujeito responde a um formulário pré-elaborado, com diferentes metodologias para coletar as respostas e impressões, podendo ser objetivas ou abertas, com alguma resposta dissertativa ou comentário adicional. Esse distanciamento inerente ao formato já o delimita como uma ferramenta muito útil e prática para muitos casos, mas torna a ferramenta inadequada para tantos outros.

A questão fundamental é que, pela sua praticidade, acompanhada de todas as pressões sofridas no encurtamento de prazos nos trabalhos acadêmicos, o uso dessa ferramenta tem sido alargado ou adotado em razão muito mais das condições adversas de pesquisa vivenciadas do que pelos seus benefícios reais em prol dos resultados de pesquisa.

O silêncio sobre esse problema no mundo acadêmico parece diretamente proporcional ao número de pedidos de participação em formulários recebidos em nossas caixas de e-mail todos os dias. Essa enxurrada de pedidos de participação em pesquisas via formulário nos conduz a um segundo problema no uso dessa ferramenta. Ele diz respeito à abrangência e ao público-alvo das respostas. Com o aumento no número de pedidos de participação, tem sido cada vez mais difícil receber respostas em formulários. O resultado é um número cada vez menor de respostas e um público-alvo pouco representativo para além das bolhas acadêmicas

dos pesquisadores mais próximos, uma vez que responder um formulário tem se tornado um gesto de auxílio ao pesquisador.

Um terceiro problema decorrente do uso dessa ferramenta é a extensão dela na coleta de dados da pesquisa. O uso do formulário é muito comum para subsidiar uma fase inicial da pesquisa qualitativa. Por exemplo, no caso de um universo muito numeroso, pode ser uma estratégia útil para subsidiar e identificar o número menor de possíveis depoentes em entrevistas orais presenciais realizadas com todo o cuidado e tempo necessários para a escuta sensível da experiência narrada. Entretanto, o que a pandemia de covid-19 acelerou, mas não inventou, foi um uso cada vez mais predominante do formulário Google como ferramenta de coleta de dados. Essa prática tem gerado resultados de pesquisa pouco expressivos e superficiais, incapazes de dar conta dos objetivos elencados.

Em relação às memórias da EPT, não se trata de condenar o uso do formulário em todos os casos, mas avaliar o seu uso mediante uma reflexão sobre a sua efetiva contribuição aos objetivos da pesquisa, já reconhecendo que seu uso total ou principal dificilmente seria capaz de dar conta de uma pesquisa consistente sobre as memórias da EPT.

Para responder aos desafios apresentados pela abordagem das culturas escolares da EPT, a utilização de uma pesquisa qualitativa parece incontornável, sendo amparada pela adoção de metodologias que proporcionem a escuta, a narrativa e a compreensão mais profunda possível das subjetividades e identidades. E tudo isso leva tempo de preparação e demanda muito mais esforço de pesquisa do que construir um formulário Google e enviar para uma lista de e-mails.

5. Concepções das memórias e perspectivas metodológicas em dissertações do ProfEPT

Em acesso aos repositórios institucionais das instituições associadas ao ProfEPT, foram selecionadas para análise 33 dissertações de mestrado defendidas no período de janeiro de 2019 a março de 2022, cujos títulos foram sugestivos de abordagem de temática concernente à memória. Desse total, 16 confirmaram a presença do descritor “memória”, 15 puderam ser baixadas na íntegra e uma teve apenas o resumo disponibilizado, devido à possível problema no website da instituição, razão pela qual foi descartada por esta pesquisa. Desse modo, apenas 15 dissertações

foram efetivamente analisadas por ocasião da pesquisa aqui reportada, a saber: teórico-metodológicas

Quadro 1: Dissertações analisadas, 2022

TÍTULO	AUTOR (A)	INSTITUIÇÃO ASSOCIADA
Curso Técnico em Agropecuária da Escola Técnica Agrícola Vale da Uva Goethe: Impactos na Trajetória de Egressos	MENDES, Walquíria Guedert	IFSC
Trajetória Histórica do Curso Normal/Magistério no Colégio Estadual José Armim Matte, em Chopinzinho – PR (1960 – 1999)	QUADROS, Eleanandro de	IFPR
Primeiras Escolas Normais do Brasil - Formação de professores no Período Imperial (1835-1889).	PRADO, Douglas Silva do	IFPR
10 Anos do Instituto Federal do Acre (IFAC): Histórias de vida e trabalho no Campus Rio Branco.	SILVA, Elane Cristine Almeida.	IFAC
Cultura e Práticas Escolares na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-Am (1979-1993)	CRUZ, Naasson Barbosa.	IFAM
Estudo Sobre a Identidade e Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE - Campus Ubajara.	FREITAS, Saulo Ramos de.	IFCE
“Nesse tempo falava-se muito de música: práticas pedagógicas do Instituto de Música do Rio Grande do Norte (1933 – 1961) em três movimentos.	NASCIMENTO, Alanderson Maxson Ferreira do	IFRN

MuseMEP: fortalecer e preservar a memória das Mostras de Educação Profissional da rede pública estadual do RS.	SCHÜSSLER, Clarice	IFRS
Entre a História e a Memória: acervo online sobre o processo histórico do Instituto Federal do Ceará.	CANDIDO, Francineuma Guedes.	IFCE
"Eu Lembro como se fosse hoje": memórias do curso técnico em Agente Comunitário de Saúde - PROEJA, do IF Sudeste MG - Campus Rio Pomba	COSTA, Nara Soares.	IF Sudeste de Minas Gerais
Memória da classe trabalhadora: análise documental e visita museal no contexto do PROEJA.	SOUSA, Janaína de	IFSP
A memória da Educação Profissional e Tecnológica no Ifes: caminhos para acesso e difusão das fontes documentais no campus Vitória	SOUSA, Janda Tamara de	IFES
A contribuição das narrativas dos egressos da educação profissional e tecnológica para o desenvolvimento do Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de Brasília: memórias e novos desafios.	VIEIRA, William Batista	IFB
Culinária como cultura material no Curso Técnico em Alimentos do IFRO Campus Ariquemes/RO	MATOS, Marines Vieira	IFRO
Entre tempos e espaços de formação: plano de estudo e formação integrada na escola Família Agrícola.	QUEIROZ, Daiane Aparecida Ribeiro.	IFG

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A catalogação e análises aqui apresentadas representam um primeiro esforço, ainda parcelar, de grupo de trabalho constituído por pesquisadores da linha de pesquisa “Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos da EPT” do ProfEPT. Tal esforço visa compreender os temas predominantes das pesquisas desenvolvidas nessa linha, as concepções de memória e as metodologias empregadas pelos jovens mestres.

As dissertações analisadas revelam uma diversidade de objetos considerados a partir de abordagens singulares e de metodologias diversas, que oportunizam o acesso a memórias, bem como à sua problematização, valorização e/ou salvaguarda. Dentre esses objetos, a formação de professores, com ênfase em instituições e cursos Normais, a constituição de acervos e museus virtuais e as comemorações por ocasião da primeira década de inauguração dos IF tiveram destaque, evidenciando três eixos especiais de atenção: a necessidade de compreender, em cadência histórica, as dinâmicas, limites e desafios dos processos de formação de profissionais docentes no Brasil; a divulgação e preservação de memórias consideradas dignas de serem lembradas, mediante a edificação de lugares de memória no ciberespaço; e a reflexão sobre a primeira década dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia criados pela Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.

As abordagens prevalentes foram qualitativas, e dentre os métodos e instrumentos utilizados ganharam destaque a História Oral, as entrevistas semi-estruturadas e a pesquisa documental, metodologias essas que avaliamos adequadas ao acesso a conteúdos das memórias dos indivíduos e instituições.

O uso de questionários de tipo survey também se fez presente, constituindo-se, em alguns dos casos, como a fonte principal de dados, o que em nosso entendimento é problemático por não comportar a flexibilidade necessária para o desenvolvimento de narrativas. Em parte, a utilização desse tipo de instrumento pode ser explicada em função das dificuldades impostas pela pandemia de covid-19 ao contato presencial entre pesquisadores e colaboradores. A continuidade de seu uso, contudo, como fonte única ou mesmo como fonte principal de aquisição de informações em pesquisas voltadas ao registro ou estudo de memórias é problemática e demanda atenção por parte dos orientadores.

Outro ponto a se destacar é que metodologias como a História Oral e Mapa da Vida foram aplicadas, também, em dissertações que não trataram diretamente de memórias de espaços pedagógicos da EPT, mas que, transversalmente, produziram

importantes registros de memórias, como o caso de Freitas (2020) e Estêvão (2021), de modo que as narrativas registradas constituem fontes para pesquisas futuras.

No rol das fontes utilizadas pelas dissertações analisadas, ganharam destaque as imagéticas, como em Sousa (2019), Mendes (2020) e Nascimento (2021), as orais, como em Candido (2019), Silva (2021) e Vieira (2021) e os arquivos escolares, como nos trabalhos de Cruz (2021) e Quadros (2021). Documentos jurídicos, como leis e decretos também foram acionados na maioria dos trabalhos analisados, em especial em Prado (2020).

A maioria das dissertações analisadas soube colacionar documentos diferentes de modo a ampliar a fundamentação dos problemas de pesquisa. No que se refere à articulação entre teoria e método, a maior parte das obras analisadas demonstrou também conhecimento acerca do estado da arte das discussões e foram poucos os trabalhos em que os conceitos-chave não foram devidamente trabalhados. Nestes, houve uma abordagem instrumental e pouco reflexiva sobre temas como memória e fotografia, sendo considerados apenas nos produtos educacionais e de forma pragmática. Em alguns trabalhos, observou-se que elementos como a memória foram tratados de forma instrumental, o que pode ter sido causado pela limitação do número de páginas definido no regulamento dessas instituições associadas. No que se refere à linha de pesquisa “Organização e Memórias de espaços pedagógicos na EPT”, a qual tem dado guarida às pesquisas aqui analisadas, destaca-se dois aspectos: (1) o seu alinhamento à Nova História, definida por Le Goff (2000), como uma revolução da memória, visto seu empenho em produzir uma história científica a partir da memória coletiva; (2) seu compromisso com a democratização da memória social.

No que se refere ao primeiro aspecto, nota-se a abertura das pesquisas desenvolvidas nessa linha de pesquisa a questões do tempo presente, que buscam no passado explicações e diretrizes para compreensão e/ou superação do quadro atual da EPT, a renúncia a uma temporalidade linear, em proveito dos múltiplos tempos vividos e em sua interface entre o social e o coletivo, e a ênfase no estudo de lugares de memória, sejam esses topográficos, como escolas, arquivos, museus e bibliotecas; lugares simbólicos, como as comemorações e aniversários; lugares funcionais, como os manuais, as associações, as entidades de classe.

Quanto ao segundo aspecto, os trabalhos analisados constituem-se em “monumento” a democratização da memória

coletiva, à proporção em que valorizam novas fontes e objetos e demonstram compreender que “a memória coletiva não é apenas uma conquista: é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2000, p. 57). Nesse sentido as tensões entre memória e esquecimento, a memória voluntária e a memória impedida, manipulada e anistiada (RICCOEUR, 2007) se fazem notar.

6. Considerações finais

Após os dois movimentos realizados pelo capítulo – um propositivo em relação à adoção de novas abordagens e metodologias para pesquisar as memórias da EPT e outro de avaliação em relação aos trabalhos realizados pelos mestrados concluídos no ProfEPT –, temos algumas questões a pontuar.

Em relação à parte propositiva, o objetivo foi chamar a atenção para a questão de um caminho hegemônico nas memórias da EPT, algo que pode passar despercebido aos pesquisadores não familiarizados com as discussões no campo da História. Também procuramos auxiliar os novos pesquisadores e novos alunos do ProfEPT interessados em pesquisar as memórias da EPT. Sem pretender indicar uma receita pronta e esquemática, esperamos ter balizado algumas discussões, instigado alguns caminhos possíveis e apresentado algumas referências de trabalhos importantes para o aprofundamento dos debates teórico-metodológicos sobre as memórias da EPT.

Apesar da trajetória hegemônica de uso das fontes normativas na EPT, percebe-se uma tendência de renovação, induzida pelas dissertações e produtos do ProfEPT em diferentes aspectos: nas abordagens, nas fontes de pesquisa e nas linguagens utilizadas nos produtos educacionais e dissertações. Essa tendência ainda precisa ser mais bem estudada, tanto em relação à abrangência das dissertações analisadas quanto em relação aos desdobramentos teóricos e metodológicos dessa renovação para o campo de estudos da Educação Profissional.

Neste esforço preliminar de análise aqui esboçado, é possível situar os estudos desenvolvidos na linha de pesquisa “Organização e Memórias de espaços pedagógicos na EPT” na dialética entre a história e a memória e identificar o compromisso político de boa parte dos pesquisadores com a democratização da memória. A memória aparece, dessa forma, como instrumento de superação das políticas de esquecimento impostas.

Embora de forma sutil, esses trabalhos criticam a

desvalorização da memória coletiva pelos agentes centrais de poder, os silenciamentos impostos às experiências da classe trabalhadora, a vigilância e controle exercidos pelo Estado, e propõem uma nova história, mais sensível e plural. Nesse sentido, o esforço desses pesquisadores da EPT em compreender os conhecimentos formulados e praticados em espaços formais e não formais de educação - muitos dos quais ainda não cristalizados em tradições formais -, e sua abertura para o uso de fontes alternativas, se contrapõe às formas privatizadas e monopolizadas por grupos e instituições que, tradicionalmente, chancelam o que é digno ou não de ser pesquisado.

7. Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2005.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. In: Idem. Obras escolhidas (vol. 1) - **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. São Paulo: Imprensa Oficial; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CÂNDIDO, Francineuma Guedes. **Entre a História e a Memória**: acervo online sobre o processo histórico do Instituto Federal do Ceará. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) 232f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal do Ceará: Fortaleza, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, 1990, p.177-229.

CIAVATTA, Maria. O ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral. Por que lutamos?. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.23, n.1, p. 187-205, jan-abr,2014.

COSTA, Nara Soares. **“Eu lembro como se fosse hoje”**: memórias do curso técnico em agente comunitário de saúde – PROEJA, do IF Sudeste MG – Campus Rio Pomba. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) 128. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais: Rio Pomba, 2021.

COSTA, Cléria Botelho da. **A escuta do outro: os dilemas da interpretação.** História Oral, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014.

CRUZ, Naasson Barbosa. **Cultura e Práticas Escolares na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM (1979-1993).** Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica), 176 f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal do Amazonas: Manaus, 2021.

DOSSE, François. **A História em migalhas: dos Annales à Nova História.** SP, Ed. Unicamp, 1994.

ESTEVÃO, Fernanda Léia Batista Souza. **Evasão, retenção e permanência de estudantes indígenas no Campus Guajará-Mirim do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.** Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) 117 f.. Programa de Mestrado em Rede Nacional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia: Porto Velho, 2021.

FONSECA, Claudia. “Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação”. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, 1999.

FREITAS, Saulo Ramos de. **Estudo Sobre a Identidade e Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará Campus Ubajara.** Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) 93 f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal do Ceará: Fortaleza, 2020.

FREITAS, Simone Leite de. **O impacto do Projeto Empoderamento da Mulher na vida das egressas do Curso FIC de Corte e Costura ofertado no Município de Primavera de Rondônia.** Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) 84 f.. Programa de Mestrado em Rede Nacional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia: Porto Velho, 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio.; CIAVATTA, Maria.; RAMOS, Marise. (Org). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradição.** São Paulo: Cortez, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação.** v. 14, n. 40, p. 168-194, jan./abr. 2009.

GOMES, Luiz Cláudio Gonçalves. “Cem anos de ensino profissional

técnico em Campos dos Goytacazes: a Escola de Aprendizizes Artífices”. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação Profissional e Tecnológica: memórias, contradições e desafios**. RJ, Essentia Editora, 2006.

JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico”. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História** – Volume I. Lisboa: Edições 70, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Memória** – Volume II. Lisboa: Edições 70, 2000.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: Idem. **História & memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MENDES, Walquíria Guedert. **Curso Técnico em Agropecuária da Escola Técnica Agrícola Vale da Uva Goethe: Impactos na Trajetória de Egressos**. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica), 78 f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal e Santa Catarina: Florianópolis, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. SP, Loyola, 1996.

MOLL, Jaqueline (org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

NASCIMENTO, Alanderson Maxson Ferreira do. “**Nesse tempo falava-se muito de música**”: práticas pedagógicas do Instituto de Música do Rio Grande do Norte (1933 – 1961) em três movimentos. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica), 105 f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2021.

NORA, Pierre. “Memória e história: a problemática dos lugares”. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

PLÁCIDO, Reginaldo; BENKENDORF, Shyrlei; TODOROV, Denise. Porosidade e permeabilidade: Uma abordagem mesoanalítica em história das instituições escolares a partir da Cultura Escolar. **Metodologias e Aprendizado**, [S. l.], v. 4, p. 183–196, 2021. DOI: 10.21166/metapre.v4i.2221. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/2221>. Acesso em: 22 maio. 2022.

PRADO, Douglas Silva do. **Primeiras Escolas Normais do Brasil - Formação de professores no Período Imperial (1835-1889)**. Dissertação

(Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica), 257 f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal do Paraná: Curitiba, 2020.

QUADROS, Eleandro de. **Trajatória Histórica do Curso Normal/Magistério no Colégio Estadual José Armim Matte, em Chopinzinho – PR (1960 – 1999)**. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica), 183 f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal do Paraná: Curitiba, 2021.

QUEIROZ, Daiane Aparecida Ribeiro. **Entre tempos e espaços de formação**: plano de estudo e formação integrada na escola família agrícola. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica), 165 F. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal de Goiás: Anápolis, 2019.

PACHECO, E.. **Fundamentos Político-Pedagógicos dos Institutos Federais**: diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora. Natal: IFRN, 2015.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a História Oral diferente”. **Revista Projeto História**, PUC-SP, nº 14. São Paulo, PUC-SP, fevereiro/1997a.

PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. **Revista Projeto História**, PUC-SP, nº 15, Ética e História Oral. São Paulo, PUC-SP, Abril/1997b.

RICCOEU, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politécnica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989.

SILVA, Elane Cristine Almeida. **10 Anos do Instituto Federal do Acre (IFAC)**: Histórias de vida e trabalho no Campus Rio Branco. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica), 191 f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal do Acre: Rio Branco, 2021.

SCHÜSSLER, Clarice. **MuseMEP**: fortalecer e preservar a memória das Mostras de Educação Profissional da rede pública estadual do RS. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica), 113f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2020.

SOUSA, Janaína de. **Memória da Classe Trabalhadora**: Análise Documental e Visita Museal no contexto do Proeja. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica), 117 f. Programa

de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal de São Paulo: Sertãozinho, 2020.

SOUSA, Janda Tamara de. **A memória da Educação Profissional e Tecnológica no IFES**: caminhos para acesso e difusão das fontes documentais no Campus Vitória. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) 65 f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal do Espírito Santo: Vitória, 2019.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992,

VIDAL, Diana Gonçalves et al. “A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira”. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

VIEIRA, William Batista. **A contribuição das narrativas dos egressos da educação profissional e tecnológica para o desenvolvimento do Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de Brasília**: memórias e novos desafios. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). 120f. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal de Brasília: Brasília, 2021.

VIÑAO FRAGO, Antonio. “As culturas escolares”. In: **Sistemas educativos, culturas escolares e reformas**. Mangualde (Portugal), Edições Pedagogo, 2007.

VIÑAO FRAGO, Antonio. A história das disciplinas escolares. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 18, set./dez. 2008, 173-215.